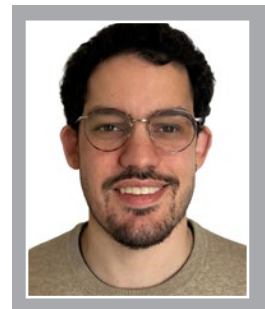

Diálogos em movimento: Escuta significativa no caminho para a liderança servidora

“ Comunicar significa partilhar, e para partilhar
é necessário escutar, acolher.”

(Vozes Maristas, cap.8 – Ir. Norbert Mwila)

Enrique Jesús. Muñoz Becerra,
Membro da comunidade LaValla200> em Siracusa
Província Mediterranea, Itália



O Centro CIAO (Centro de Ajuda e Orientação Intercultural) e o projeto da casa de emancipação “Alloggi per l’Autonomia” são as duas realidades nas quais se concretiza nossa missão de acompanhar a integração dos migrantes que chegam a esta cidade italiana. Coordeno a assistência administrativo-jurídica oferecida pelo centro, o acompanhamento aos serviços públicos e o projeto residencial para jovens adultos. Para além disso, tento estar disponível, juntamente com os membros da minha comunidade, para as pessoas que batem à nossa porta.

Nestas linhas reflito convosco sobre a liderança que escuta. O meu tempo na PJM da província permitiu-me aprofundar, desde adolescente, a importância da escuta. Escutar o que se está a viver, escutar o que se passa à minha volta e escutar o que Deus nos diz. Isto permitiu-me conhecer-me cada vez mais, algo fundamental para poder pôr a minha vida ao serviço dos outros.

Pouco depois, quando me tornei catequista, voluntário e acompanhante, descobri como é importante cultivar a escuta para reconhecer a dignidade e o valor da pessoa que encontro. É também uma grande ajuda para deixar de lado os preconceitos e outros tipos de dinâmicas pessoais pouco saudáveis.

Por vezes é difícil escutar, porque a realidade pede-nos para agir rapidamente e responder. É aqui que encontro a importância de escutar “com” os outros. Foi o que experimentei quando cheguei a Siracusa e comecei a aproximar-me da vida dos utentes. No início, queria responder ao maior número possível de situações e dar soluções. Pouco a pouco, aprendi que não se trata tanto de fazer, mas de ser e de ser uma presença fraterna.



Experimentei esta mudança quando as crianças chegavam com situações realmente difíceis (legais, documentos, família, trabalho, saúde, etc.). Nessas alturas, por vezes, fiquei sem resposta, aprendendo simplesmente a ser. Gostaria de destacar aqui os passeios que pude fazer com eles, que, nestas situações, ajudaram a remover barreiras e a dar-lhes a oportunidade de os ouvir. Este é um ícone para mim de uma inquietação: a de querer caminhar ao lado de outras pessoas. Quando penso nestes momentos especiais para mim, vem-me à mente a passagem de Emaús, que me permite reconhecer a presença de Jesus, que me recorda que não sou eu o importante, e que é Ele quem verdadeiramente acompanha.

Neste mesmo sentido, procuro sempre aproximar-me das pessoas que batem à nossa porta, sem ser um burocrata que ajuda a cumprir um procedimento administrativo de forma fria. Se disse anteriormente que a escuta me permite reconhecer a dignidade da pessoa que encontro, quando essa escuta é significativa, procurando compreender os sentimentos e as necessidades dos outros através da empatia, faz-me sentir um verdadeiro irmão para todos aqueles que se aproximam de mim. Desta forma, procuro que o serviço que presto não faça com que o outro se sinta em dívida ou inferiorizado, mas que veja que sou alguém como ele, como ela, que quer ouvi-lo/a, acompanhá-lo/a, que o/a vê como alguém importante.

Graças a esta forma de ver a realidade, pude experimentar como momentos que poderiam ser realmente desagradáveis para a outra pessoa, como recordar ou reviver a sua própria história de migração, podem tornar-se num momento em que a pessoa se sente confortável e respeitada. Lembro-me de um dos jovens que acompanhei me dizer: “É a primeira vez que não me sinto como se estivesse num interrogatório”, e eu continuei: “Sinto-me em casa no CIAO”.

É uma recordação agradável em que nos sentimos reconfortados pela missão que estamos a cumprir. Mas é justo recordar que nem sempre é assim e que há alturas em que a verdade dói. A este respeito, vêm-me à memória as conversas com os jovens que foram acolhidos no nosso projeto, em que tive de ser claro, de ver para além da possível reação do outro e de pensar no seu próprio bem. E notei nas suas reações, nas suas expressões ou na forma como a relação evoluiu, que o que eu disse não correu bem. Mas acredito firmemente que estes momentos são necessários e que tive de pôr o bem da outra pessoa e a sua integração acima do conforto ou de evitar conflitos.

E isto é importante não só com os utentes, mas também com a equipa de trabalho, com a comunidade, ou na própria vida familiar. Por vezes é ainda mais difícil nestes ambientes, mas muito mais necessário, sobretudo quando a missão que vivo não é minha, mas é partilhada com toda a comunidade. Grande parte da liderança que fazemos em comum se encontra no equilíbrio entre dizer as verdades através da correção fraterna, mesmo que seja difícil, e ser compreensivo, deixando passar algumas situações para que o outro não se sinta em dificuldade.

É no meio de situações difíceis que temos de nos permitir sentirmo-nos perdidos. Reconhecer-se vulnerável é uma parte fundamental do exercício desta liderança. Não há que temer que aqueles que nos reconhecem como referência se aproximem de nós para nos ajudar a dar alguns passos e nos ensinar ou corrigir os nossos erros. O ponto de referência e a âncora nestes casos de dificuldade é a oração, tanto pessoal como comunitária. Para exercer a liderança, sobretudo na escuta, é importante ter ativo o canal de escuta do Pai. Quando o desânimo chega, a oração tem-me ajudado a não perder o foco e a encontrar razões para agradecer no final do dia, que sempre existem.

A ligação à oração ajuda-me a recordar que a missão, com os seus êxitos e fracassos, não é só minha, nem sequer da comunidade, mas vem de Deus. E que, para além das minhas forças, ela continuará a avançar. É por isso que considero essencial que este formato de liderança tenha uma atitude de delegar, confiar e capacitar os outros. Isto é algo que me tem ajudado e que tenciono





desenvolver. Quando cheguei a Siracusa, dependia do trabalho dos outros, e é bom ver como posso ser um apoio e uma referência para os novos membros que chegam à comunidade e à missão, encorajando-os a ganhar autonomia também.

Estas são algumas das experiências em que reconheci a importância da escuta na liderança servidora que posso exercer na minha vida. Convido-vos a irem mais fundo na vossa vida, questionando como vivem a escuta, especialmente com as pessoas que estão ao vosso cuidado. E deixo-vos com uma última reflexão: no livro *Vozes Maristas* fala-se da recetividade de Maria ao novo. Essa recetividade e disponibilidade, depois de ter ouvido o chamado para participar dessa realidade marista, foi o que me possibilitou viver essa experiência. Permanecemos atentos, de coração aberto e disponíveis ao que o Senhor, através das pessoas que temos ao nosso lado, nos pede.



As opiniões expressas neste documento são da responsabilidade do autor e não refletem necessariamente os pontos de vista do Instituto Marista.

Se quiser partilhar com a Comissão as suas ideias, reflexões ou experiências sobre a liderança servidora e profética, como resultado destas reflexões, escreva para fms.cimm@fms.it